

# **Templos e arquitetura sacra e o sagrado: Reproduções do transcendente? Ensaio a partir da construção de templos do protestantismo étnico do final do século XIX**

Temples and sacred architecture and the holy: Reproductions of the transcendent? An essay from the construction of temples of ethnic Protestantism in late nineteenth century

Wilhelm Wachholz\*

## Resumo

A partir de 1824, imigrantes de língua alemã passaram a se estabelecer no Brasil de forma mais sistemática. Durante o período imperial (1822-1889), populações protestantes eram somente toleradas, não lhes sendo permitida a publicização da fé, por exemplo, através da arquitetura externa de seus templos. Este cenário se alteraria após a Proclamação da República. De sua tradição trazida da Europa, entendiam que o templo a ser construído na nova pátria (Brasil) precisava ser digno (*würdig*). O objetivo desta pesquisa é, em diálogo com o conceito de sagrado, analisar o imaginário de templo dos imigrantes de língua alemã no Brasil do século XIX. Em perspectiva do sagrado, no espaço sagrado do templo, as imagens representam uma *abertura*, uma *porta* para o alto, que permitem a comunicação com os deuses. Assim, todo o templo representa uma abertura para o *totalmente outro* (*ganz andere*), constituindo-se em espécie de hierofania, a *imago mundi* modelar, reprodução terrestre do modelo transcendente, razão pela qual, segundo nossa hipótese, os imigrantes protestantes entendiam ser necessário que fosse *digno* (*würdig*).

Palavras-chave: Protestantismo. Templo. Sagrado. Antropologia religiosa.

## Abstract

From 1824 German speaking immigrants established themselves in Brazil in a more systematic way. During the Brazilian imperial period (1822 - 1889), Protestant populations were only tolerated, not being permitted to publicize their faith, for example, through the external architecture of their temples. This scenario would change after the Proclamation of the Republic in Brazil. From their tradition brought from Europe, they understood that the temple to be constructed in their new homeland (Brazil) needed to be worthwhile (*würdig*). The goal of this research is analyze the imaginary image of the German speaking immigrants' temple in Brazil during the 19th century, in dialog with the idea of the holy. In perspective of the idea of the holy, in the sacred space of the temple, the images represent an *opening*, a *door* to the heights which allow a communication with the gods. Thus, the whole temple represents an opening to the *totally different* (*ganz andere*), constituting a type of hierophany, the model of *imago mundi*, a terrestrial reproduction of the transcendent model, this being the reason, according to our hypothesis, that the Protestant immigrants understood it to be necessary that it was *worthwhile* (*würdig*).

Keywords: Protestantism. Temple. Holy. Religious anthropology.

---

\* Doutor em Teologia. Professor de Teologia e História na Faculdades EST, São Leopoldo/RS. E-mail: [wwachholz@est.edu.br](mailto:wwachholz@est.edu.br)

## Introdução

O estudo sobre os templos e a arquitetura sacra no âmbito do protestantismo de imigração brasileiro precisa considerar uma dupla realidade no que se refere ao sagrado expresso através elementos simbólicos. Em primeiro lugar, deve-se considerar o elemento histórico-cultural. As populações imigrantes que passaram a se estabelecer de forma mais sistemática no Brasil a partir de 1824 não podem ser consideradas *tabula rasa*, mas agentes, cujo imaginário herdado foi confrontado no novo contexto, com o objetivo de ressignificar a vida e o sagrado. Em certo sentido, tratam-se de reproduções histórico-culturais de ressignificação de valores existenciais. Um segundo aspecto diz respeito à experiência do sagrado que o ser humano faz. Neste caso, trata-se de um olhar dos templos e sua respectiva arquitetura sacra na perspectiva da antropologia religiosa. Neste sentido, este ensaio buscará colocar em diálogo o imaginário dos imigrantes sobre templos e arquitetura sacra com a antropologia religiosa no que diz respeito ao sagrado.

### 1. O sagrado

Um templo, seja cristão ou não, é concebido pela pessoa crente como um espaço *santo*. Assumimos aqui a definição de Hermann Brandt, segundo a qual a palavra *santo* tem origem no latim *sanctus* e seu correspondente verbo *sancire*. O verbo *sancire* denota sentido de *limitar* e *cercar*. O substantivo *sanctus* tem, então, significado de *separado*. Assim, o *santo* é algo separado, não profano. Para os antigos romanos, *sanctio* expressa lugar santo o qual tem proteção das ameaças de profanação. Assim, o próprio conceito *pro-fanus* implica em algo separado e santo, ou seja, expressa que algo não é santificado. Profano é, então, algo localizado *antes* (*pro*) da dimensão do santo (*fanum*). Da mesma forma, segundo Brandt, ocorre com o conceito grego *hagios* que tem correspondência com *sanctus*. O oposto de *hagios* é *koinos*, com sentido de *separação* entre o que é santo do que não é santo, ou seja, do que é profano (Brandt, 1985, p. 74).

Templo se torna espaço sagrado por ser consagrado para tal. A consagração de um templo é, então, um rito de *separação* como explicita o relato da consagração do templo da comunidade de Picada Café/RS, ocorrido por volta de 1895. Do alto da escadaria da igreja, Paul Sudhaus proferiu uma meditação a partir das palavras bíblicas: “Tire os teus sapatos, pois o lugar que pisas é terra

santa”. Então, a porta do novo templo foi aberta pelo pastor local Heinrich Hunsche. Outro pastor presente, Friedrich Pechmann, então, realizou a consagração, proferindo alocução a partir do Salmo 118, que evoca o Dia do Senhor, a porta do Senhor, a pedra angular e Deus como refúgio (Die Einweihung ..., 1897, p. 7). Este relato destaca o templo como lugar santo, por ser consagrado. As “sandálias”, isto é, o impuro, não pode adentrar a porta que será aberta. A consagração implica na consciência de *separação*, ou seja, de que “esta é a porta do Senhor, por ela entrarão os justos.” (Sl. 118. 20).

Mircea Eliade defende a tese de que o espaço não é homogêneo. Há espaços distintos, razão pela qual há demarcações, como explicita o texto bíblico vétero-testamentário: “Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa” (Ex. 3.5). Para o ser religioso, o espaço sagrado é lugar de experiência de *hierofania* que ocorre num *ponto fixo*, um Centro. Este *ponto fixo* delimita o sagrado do *caos da homogeneidade* do profano. Eliade evoca o exemplo da porta de um templo:

Para um crente, essa igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado. (Eliade, 1992, p. 24)

Michel Meslin evoca o conceito *sacer*, que conota algo consagrado aos deuses, inclusive com ato de sacrifício. Algo consagrado é algo sagrado (Meslin, 1992, p. 58). E “[...] sagrado é sempre uma epifania, a do destino particular, elemento do Destino universal colocado em cada ser, e jamais diretamente, uma teofania” (Meslin, 1992, p. 60). Sagrado como consagrado é fundamental, pois indica que o sagrado não o é *a priori*; pressupõe sempre uma mediação, seja ela de sacrifício, purificação ou dedicação.

A consagração, e em certo sentido também a dedicação, pode ser entendida como aquilo que é des-profanado, ou seja, dedicado como lugar ou coisa santa. Meslin observa que (con)sagradas são as coisas que o ser humano percebe como possibilidade de serem religadas ao âmbito do divino (Meslin, 1992, p. 61). O consagrado torna-se *outra coisa*, embora, paradoxalmente, permanece sendo *ele mesmo* (Eliade, 1992, p. 15-16). Inversamente, profano

permanece aquilo que não pode ser aproximado, identificado ou associado ao divino. A fronteira do sagrado e do profano é móvel e “[...] se modifica sob a influência da evolução da moral, da linguagem, do direito e da própria concepção do divino” (Meslin, 1992, p. 62; veja também p. 82-84).

Sagrado é considerado o que é puro ou purificado e, conseqüentemente, impuro, o que é contrário à natureza do sagrado, do perfeito, que perturba ou mistura a ordem da natureza sagrada. Ante a ameaça da impureza, ritos de purificação, consagração ou dedicação recolocam em ordem a natureza do sagrado (Meslin, 1992, p. 63, 67).

Referimos acima que o sagrado não o é *a priori*. Há exigência de mediações. A mediação fundamental é a própria experiência religiosa. Meslin, recorrendo ao conceito alemão de *Erlebnis* (vivência), afirma que o sagrado não pode ser dissociado da experiência humana, ou melhor, da vivência. O sagrado só o é como *sagrado-vivido*. A experiência religiosa do ser humano é, então, a resposta do encontro com a “alteridade surpreendente”, poder misterioso, com o “outro que espanta” (Meslin, 1992, p. 90).

## **2. A consagração e dignificação do espaço sagrado**

No interior do templo, o mundo imanente e profano é transcendido. Os elementos simbólicos do templo, como ele todo, são uma *porta para o alto, lugares de passagens entre o Céu e a Terra*. Na cultura judaica, o templo pode ser concebido como arquétipo<sup>1</sup> celeste; Jeová revelou ao seu povo eleito que reproduzissem na terra este arquétipo. Para o cristianismo, a catedral tem significado de imitação da Jerusalém celestial, ou do Paraíso (Eliade, 1992, p. 25-26, 51-53).

O templo e sua arquitetura não são sagrados *a priori*, mas precisam considerar dois aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, o templo é tornado sagrado, isto é, pela consagração ou dedicação. Em segundo lugar, o templo e sua arquitetura, uma vez consagrados, precisam ser preservados e dignificados. Tratemos destes dois aspectos.

## 2.1 A consagração do templo

A consagração de templos (*Kircheweih*) pelos protestantes imigrantes pode ser entendida também como ato de *separação*, de *delimitação*, de *cercamento* em relação ao profano. A consagração inicia com o rito da pedra fundamental. O relato do rito de colocação da pedra fundamental para construção do templo em Monte Alverne, no interior de Santa Cruz do Sul, evidencia o caráter de *separação*.

Friedrich Hildebrand, que atuou como pastor na região de Santa Cruz do Sul/RS, relata sobre o rito, ocorrido em 14 de dezembro de 1895. Após relatar sobre a preparação, decorações no local e liturgia do rito, salienta o significado da colocação da pedra fundamental. Segundo ele, assim como a pedra fundamental é colocada no fundamento do templo e, desta forma, carrega o todo do templo, assim também Jesus Cristo precisa ser pedra fundamental e angular da fé e residir nos corações humanos. Então, Hildebrand descreve o ato ritualístico da colocação da pedra, que se dá através de três batidas de martelo, segundo ele, significando as três pessoas da Trindade. São ainda proferidas as seguintes palavras bíblicas: “Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada; aquele que crer não foge.” (Is. 28.16). E: “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam.” (Sl. 127. 1). E ainda: “Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo.” (1Co. 3. 11). Segundo Hildebrand, o ato contou, ao final, com uma fala do presbítero da comunidade, Johann Kuhn, que destacou a mudança cultural entre a comunidade: onde há 40 anos teriam se amontoado animais selvagens (sic!), “hoje” viviam pessoas pacíficas, que construíram escolas e templos e, assim, em pouco tempo transformaram o selvagem em paraíso (Hildebrand, 1896, p. 19).

O ato de colocação da pedra fundamental do templo evidencia, então, clara *delimitação* e *cercamento* em relação ao profano. O fundamento é Jesus Cristo, a ser crido e, assim, vivido. Esta vivência se dá no afastamento em relação à vida *selvagem*, isto é, imoral, impura, profana. Por esta razão, quando especialmente em torno das festas de consagração ou aniversário de consagração do templo (*Kirchenweihfeste*) ocorrem *imoralidades*, pastores manifestam indignações, afinal, o templo não fora consagrado para a *imoralidade*, para o *profano*, mas separado e consagrado.

Hildebrand situa os fatos de *imoralidade* relatados no período anterior à Quaresma. Segundo ele, é período em que ocorrem muitas festas de aniversário a consagração de templos. O autor caracteriza estas festas de *caças*. Segundo Hildebrand, em zonas urbanas e rurais, torres de igrejas estariam surgindo, apontando para o alto, convidando: “deixem vir a mim as crianças; venham todos a mim, vocês que estão cansados e sobrecarregados, eu quero vos aliviar; quem em mim crer, viverá, mesmo que morra. Assim também Cristo convida: “Deixai vir a mim os pequeninos” (Mt. 19. 14); “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt. 11. 28); Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá” (Jo. 11. 25). Segundo o autor, estas palavras bíblicas são conhecidas desde a idade jovem, mas as pessoas não agradecem que Deus, em seu amor celestial, clama continuamente:

Eu quero vocês e seus filhos do berço à sepultura, ou melhor, para toda a eternidade, conduzir vocês por toda a vida, salvar do tormento eterno e santificar, santificar e glorificar vocês. Mas muitas pessoas não o [Cristo] conhecem, e nos perguntam, certamente com razão: “Para que festejar consagração de igreja?”<sup>2</sup>

Por esta razão, constata Hildebrand, muitas pessoas não têm sentido correto sobre a festa da consagração, tornando-se as festas em zombaria sobre a Igreja e seu significado. Na maior parte das vezes, a festa da consagração teria se tornado meio de trair corpo e alma. Então, o autor questiona: “tais festas não deveriam se tornar dupla maldição, uma vez que são feitas associadas à Igreja?” (Kirchweihfest, 1899, p. 110).

Em meio a esta *imoralidade*, Hildebrand, então, refere à torre do templo, que aponta para o céu, como sinal da verdade, e que o ser humano é criatura de Deus e sua alma será julgada a partir do céu. Muitos não entendem que até mesmo a edificação externa de um templo, em especial, as torres e os sinos, fala ao ser humano. O templo deveria ser honrado como tenda do próprio Deus na terra. Segundo autor, se deveria lembrar com gratidão que sinos batem, que o sino da oração todas as manhãs e ao final do dia admoesta à oração, que os sinos convidam para o culto dominical. Lembrar com gratidão que batem como sinos do batismo, do matrimônio, do sepultamento; e isso deveria ser uma verdadeira festa de consagração (Kirchweihfest, 1899, p. 110).

A consagração, como relatada por Hildebrand, implica a ritualização da própria vida em comunidade. Schwarz, Durand e Morin afirmam que

[...] o mundo concreto, observável, torna-se cósmico graças à orientação num espaço consagrado e sobretudo graças à repetição periódica dos ritos neste espaço; é a repetição dos ritos, portanto, a ideia de ciclo, que assegura ao mundo manifestado o seu vínculo com o arquétipo.

O tempo sagrado é um tempo tornado cíclico, através da comemoração periódica e fixa de acontecimentos que tiveram lugar nas origens. (Schwarz; Durand; Morin, 1993, p. 24, 35).

O *sagrado* precisa ser vivido para além do seu *cercamento* físico-espacial, afinal, Igreja não é somente o templo, mas também o corpo comunitário das pessoas. Em relato sobre a inauguração de torres e sinos do templo protestante de Joinville/SC, ocorrido em 1892, o autor salienta que a torre deve ser considerada mais que uma obra de pedra e madeira, ou enfeite. Ela aponta para o alto e, assim, quer dirigir os pensamentos humanos do que é passageiro e terreno para as coisas do alto, eternas, e despertar a confiança em Deus absolutamente em todas as situações da vida, fomentando sincera religiosidade e fé no coração humano. Semelhantemente, os sinos não são apenas metal que ressoam ao tocar, mas também indicam o horário e chamam para o culto dominical, despertando da comodidade. Os sinos também transmitem notícias de alegria ou tristeza. O ressoar dos sinos também querem despertar da morosidade para uma consciência evangélica e fortificar a vida comunitária (Flos, 1961, p. 207-209).

A torre de um templo evidencia o ser humano como *pontifex*, isto é, um construtor de pontes intermundos, do visível e invisível, buscando, assim, religar ou tentando religar o conhecido e o desconhecido (Schwarz; Durand; Morin, 1993, p. 55). No que diz respeito à teologia luterana em particular, se teria que ressaltar que somente se deve conceber o ser humano como *pontifex*-segundo, considerando Deus, através de sua revelação em Jesus Cristo, o *pontifex*-primeiro. Em outras palavras, o ser humano somente é *pontifex*, e como tal, *homo religiosus*, pelo fato de o desconhecido, o transcendente se dar a conhecer na imanência.

O ser humano como *pontifex*-segundo é explicitado no relato da consagração do sino do templo de Petrópolis/RJ. Quanto, na noite anterior ao Dia da Reforma de 1881, o sino do templo foi tocado pela primeira vez, mencionou-se que o mesmo convidava as pessoas da cidade para ouvirem a Palavra de Deus e lhe darem a maior glória, como conclamava a inscrição no

próprio sino: “*Ehre sei Gott in der Höhe!*”<sup>3</sup> (Wiemer, 1954, p. 86). Como convite e alerta, fomentou-se em muitas comunidades onomatopeias em relação às batidas do sino, como, por exemplo: *Komm-bet* (venha e ore!).

Torres e sinos são como que alertas para que o ser humano não se feche em si, no seu egoísmo, individualismo, em torno de seu *umbigo*, mas olhe para além de si, para Deus. Por esta razão, chama a atenção que parece haver privilegiamento de construção de templos sobre morros, *mais perto de Deus*. Descrevendo sua viagem a Lomba Grande, no então município de São Leopoldo/RS, onde participaria do Concílio do Sínodo Riograndense, avistando o templo no alto do morro, um pastor constata que é “das montanhas que vem o socorro”, em alusão ao Salmo 121.1 (Die 14. Synodalversammlung ..., 1900, p. 91-92).

## 2.2 A preservação e dignificação do sagrado

O templo e sua arquitetura não são sagrados *a priori*, como já ressaltamos acima. Precisamos, agora, considerar também a própria preservação do sagrado enquanto sagrado. Em outras palavras, assim como o templo não é sagrado sem consagração ou dedicação, também não se mantém sagrado após o rito, ainda que sua arquitetura e estética impliquem, em si, já uma *separação/diferenciação*. Ainda assim, é necessário que o templo seja um *sagrado-vivido*. São, portanto, as experiências individuais e comunitárias que afirmam a permanência do caráter sagrado do templo.

O sagrado-vivido precisa ser alimentado. O próprio templo não é considerado como um lugar dissociado da comunidade, mas ela própria é templo, ou melhor, igreja. Um artigo do final do século XIX expressa isso, salientando que a palavra *Igreja (Kirche)* geral e imediatamente é associada a um edifício de pedras ou de madeira com torres e sinos. A *casa de Deus (Gotteshaus)*, contudo, deveria significar, em primeiro lugar, a comunhão das pessoas que creem, a saber, a *Igreja invisível* a qual se refere o terceiro artigo do Credo Apostólico: “Eu creio na santa Igreja cristã.” (Die Kirche, 1956, p. 4). O relato da inauguração da torre e sinos do templo de Candelária/RS explicita esta vivência do sagrado:

O templo, com suas paredes grossas e fortes, as quais repousam sobre chão e rocha firmes, é interpretado como admoestação para as pessoas no sentido de que estejam fundamentadas sobre a rocha e pedra angular que é Jesus Cristo. A partir deste



fundamento, sobre o qual o templo é construído com milhares de pedras que formam um único todo harmônico, todas as pessoas das comunidades devem estar fundadas e unidas através do elo da fé, da esperança e do amor e em um só Espírito. Neste sentido, o templo deveria ser um memorial da unidade da fé e da paz (Turm- und Glockenweihe..., 1890, p. 3).

Na mesma direção, outro artigo, da mesma época, observa que a comunidade reunida suplica nos cultos *Kyrie* (Senhor) que se origina da palavra *Kyriaké*, que significa *os que pertencem ao Senhor*. As pessoas, portanto, são a Igreja por pertencerem ao Senhor (Die Kirche!, 1952, p. 4). Assim, ninguém pode achar a Deus se não desejar viver em comunidade. Cristo e comunidade estão ligados como noivo e noiva (Aus Dem Büchlein..., 1956, p. 4).

Como consecução, a Igreja enquanto templo, edificada por pessoas, e a comunidade estão associados. A Igreja pode ser correlacionada com a casa onde as pessoas residem. A casa não serve somente para proteção do frio e da chuva e de assaltos. Cada casa reflete um pouco de seus moradores. Ao se entrar numa casa, percebe-se um pouco do próprio espírito de quem ali reside (Die Kirche!, 1952, p. 4). Da mesma forma, o templo não pode ser considerado *impessoal*, mas constitui identidade estreita com seus *moradores*, a comunidade. Por isso, precisa-se perguntar por quem reside na Igreja e qual o espírito que ali se pode perceber.

Deus não limita sua morada a um templo (2. Cr 6.17-21) ainda assim a edificação e consagração de um templo explicita a necessidade de um lugar fixo de adoração e anúncio da Palavra Deus. Por isso, um templo também em nada deveria lembrar os negócios cotidianos, mas evidenciar uma separação ou despreendimento de todas as preocupações e atividades cotidianas. Neste intuito todos os elementos visíveis dentro do templo são importantes, pois devem auxiliar a chegar Àquele a quem o mesmo pertence (Die Kirche!, 1952, p. 4).

O templo, ao ser consagrado, torna-se espaço *cercado, delimitado, separado*. Como espaço sagrado e cultural, esta *delimitação* exclui o que se encontra fora, o impuro, o caos, como já ressaltamos. O templo é, então, espaço ordenado em oposição ao mundo desorganizado (Meslin, 1992, p. 129-130). Como morada/casa de Deus, o lugar precisa ser *digno (würdig)*, cuidado com zelo e as pessoas devem portar-se de forma correspondente. Um autor desconhecido caracterizou isso assim:

O cantar e o ouvir devem caracterizar a comunidade reunida no templo a Deus. Se uma pessoa estranha entrar no templo, deve poder perceber a quem o templo pertence. Ela, contudo, não poderá perceber isso se a comunidade, sentada nos bancos, cantar de forma sonolenta e não devota. Da mesma forma, ela não poderá perceber a quem pertence o templo se o ambiente for descuidado, pois isso pode indicar que poucas pessoas frequentam o local. Para se evidenciar de fato como casa de Deus, o templo precisa de zelo como um palácio real. De outro lado, a Igreja não deve ser como uma sala de estar dos tempos antigos, na qual pouco se adentrava e na qual normalmente as pessoas acabavam não se sentindo à vontade, pois o clima tinha algo de estranho e frio. Pode-se perceber claramente se uma comunidade ama seu templo pelo fato de frequentá-lo. Embora não se possa morar no próprio templo, deve haver um “fio de ligação” deste até a casa onde se mora, de forma que esta seja um pedacinho daquele. A questão fundamental, no entanto, não reside no entrar e sair da Igreja, mas no ser Igreja (Aus Dem Büchlein..., 1956, p. 4).

Theodor Hunsche, em sua pregação por ocasião da consagração do templo de Nova Petrópolis/RS, ressaltou que se poderia proclamar aquele lugar como santo, pois o templo não seria outra coisa do que casa de Deus e porta para o céu ([Hunsche], 1905, p. 1). Isso explica porque um dos conceitos que frequentemente são empregados para caracterizar um templo ser *digno*. Em especial, menciona-se que a ornamentação do templo deveria ser, além de bela, também *digna*, fazendo jus, portanto, ao seu Senhor, Cristo (Kirchweihe in Conventos, 1898, p. 131).

Meslin salienta que no espaço sagrado somente podem adentrar “[...] aqueles que tenham a pureza exigida. Dessa forma, o espaço cultural se torna espaço de exigência de santidade.” (Meslin, 1992, p. 131). Portanto, a pessoa deve se portar dignamente nele. O jornal *Sonntagsblatt* indica modos apropriados a serem observados no templo. Segundo o jornal, na entrada, cabe aos homens e meninos tirarem seus chapéus quando entram num templo, mesmo quando não há culto. Cabe também preservar silêncio e conversar somente o necessário e em tom baixo. No retirar-se do templo, somente devem colocar os chapéus na porta, após a saída do templo. A oração silenciosa que cada pessoa faz no início do culto em seu lugar no banco deve ser meditação silenciosa. Ao final, a pessoa deve pedir que seja preservada nas bênçãos recebidas (Von Kirchlichen Farben, 1889, [p. 4]). O sagrado, portanto, não deve ser profanado com inobservâncias *mundanas, corriqueiras*.

A porta, portanto, é um primeiro e importante símbolo de *delimitação*. Outro espaço delimitado é o centro do templo, isto é, o altar ou a mesa. No âmbito protestante, o altar, ao lado da pia batismal, é o lugar por excelência do culto. Meslin salienta que o centro de um templo não é apenas uma “realidade geométrica ou topográfica, nem uma simples construção ritual [...], [mas] o ponto de início absoluto em que as energias divinas irrompem, e ao mesmo tempo é o lugar em que o homem faz a experiência dessa realidade total.” (Meslin, 1992, p. 135). Ainda assim, trata-se de um de um espaço de interpenetração do puro e impuro. Para dizê-lo na perspectiva da teologia luterana, pode-se evocar o princípio do *simul iustus et peccator*. Ou ainda, segundo Meslin, “[...] é o campo simbólico em que se manifesta a mesma tensão que verificamos no espaço cultural, fechado e aberto, inacessível e penetrável ao mesmo tempo.” (Meslin, 1992, p. 135).

A Igreja, por não ser somente o templo de pedras, mas ser a própria comunidade, é pregada como extensivo, sagrado-vivido para além do espaço sagrado propriamente dito. Um pastor da região serrana do Espírito Santo, comparando o modesto templo da comunidade local às catedrais na Alemanha, caracterizou estas como sendo *salmos petrificados*, ou uma *prédica*. Segundo ele,

As catedrais alemãs alguém, certo dia, denominou de “Salmos petrificados”. Pois, esta pobre igreja, sem qualquer ornamento, desejo denominar de uma prédica poderosa, silenciosa e assim tão eloquente. Uma prédica da saudade da pessoa por Deus. Uma prédica da boa luta da fé em tempos de necessidade. Esta igreja se tornou confissão visível de Jesus Cristo. É visível desejo impetuoso pela eternidade, um protesto contra naufrágio da preocupação, [e] no prazer, uma vitória sobre o cotidiano. O entusiasmo da alma, próprio dos primeiros colonos, foi preservado durante décadas; queira ele não se perder nos filhos nem nos filhos dos filhos!<sup>4</sup>

Pode-se, portanto, afirmar que o templo é *casa de Deus (Gotteshaus)*. Como tal, é morada de Deus. Com isso, a comunidade de fé afirma o princípio do Deus Emanuel, isto é, *Deus conosco*, cujo centro se encontra na revelação de Deus em Jesus Cristo. O templo é lugar de *hierofania*<sup>5</sup>, de algo de sagrado que se nos revela, algo totalmente outro (*ganz andere*). Por esta razão, Igreja, enquanto comunhão de pessoas crentes e santas, se compreende como corpo de Cristo. Por outro lado, esta comunidade confessa também a ressurreição e ascensão de Jesus Cristo. A torre, neste sentido, aponta para o alto, *de onde virá o socorro* e

também o julgamento. Assim, o templo, como morada de Deus, tem conotação de Deus Emanuel; a torre, por sua vez, evoca a dimensão escatológica. Ambos, contudo, não estão dissociados, de forma que o Deus presente, o celestial, ao mesmo tempo em que a dimensão escatológica é, paradoxalmente, esperança futura vivida na realidade presente. Por toda esta carga do transcendente, o templo precisa ser preservado como *digno*.

### **3. A pátria terrena e a pátria celestial**

A relação entre o imanente e o transcendente através do templo também é evocada enquanto preservação da identidade cultural e religiosa dos antepassados. Torres e sinos devem ser testemunhos do orgulho e fidelidade pela pátria dos antepassados (Hoepffner, 1938, p. 20). A rememoração da herança é testemunho de honra aos antepassados. É também testemunho num contexto novo, de minoridade e adversidades e, finalmente, é testemunho para as futuras gerações, como indica o relato a seguir:

Sua voz [sinos] deve sempre lembrar-nos da preciosa herança que recebemos de nossos antepassados por meio da Reforma pela qual eles sangraram e sofreram.

Podemos esquecer, como nossos antepassados sofreram e morreram pela fé e pelo evangelho? Não, nunca!

Nós somos nesta terra apenas um fraco grupinho de cristãos evangélicos. Somos uma pequena ilha na imensidade do oceano. As águas nos levariam, ondas nos cobririam, se não construíssemos fortes diques, e estes diques são a profunda fé e principalmente o sentimento evangélico que nos possibilitam, não só resistir às tentações de outrem mas, com força e firmeza, a perseguição possível e a intolerância religiosa.

Castelo forte é nosso Deus,

Escudo e espada boa!

Esta tôrre com os seus sinos, não é só para nós, vivos; foi erigida também para nossos filhos e descendentes. Depende de nós transmitir aos nossos filhos o pensamento religioso, estimulado em nós pela tôrre e pelos sinos, e criar nos seus corações uma devoção cristã e fé real no pensamento evangélico. Nossos filhos farão isto também nos seus filhos, e assim até as mais longínquas gerações. Se preenchermos o nosso dever com fé e consciência, não faltará a benção mais rica.

Quando andaremos nosso último caminho, quando as lágrimas dos que ficam se misturarão à terra de nossa sepultura, quando os sinos nos enviarão seu melancólico Adeus, então nossas almas olharão felizes a este lugar, então saberemos que aqui foi lançada uma semente que não caiu entre os espinhos onde foi sufocada ou comida pelas aves, que não foi extinta pelas paixões e

adversidades dêste mundo, que porém caiu em boa terra, dando fruto a cem por um ainda aos nossos descendentes.

Assim o queira Deus! (Flos, 1961, p. 207-209).

A população de protestantes imigrantes e seus descendentes viveram em situação jurídica de somente tolerância, conforme a Constituição do Império (1824). Por isso, quando na década de 1880 já ocorre certo *afrouxamento*, em particular, em relação à proibição de construção de templos com torres e sinos, saúda-se com entusiasmo o testemunho público da fé. Relatando sobre as comunidades da Colônia de Taquara/RS, o pastor local, Johannes Rudolf Dietschi, observa que o sentimento de pertença e de vida comunitária havia melhorado o que se evidencia, segundo ele, no fato de torres, as quais estarem sendo construídas em diversos templos da região (Dietschi, 1886, p. 38). No mesmo ano, após caracterizar a igreja da comunidade de Santa Cruz do Sul/SC como o mais belo templo evangélico do Rio Grande do Sul, Paul Dohms afirma que, através desta bela igreja se podia ver a força que o Evangelho exercia também aqui no Brasil (Dohms, 1887, p. 21-22). O mesmo pastor também manifestou sua esperança, quando da consagração do templo de Sapiranga/RS, de que se pudesse em breve construir uma torre e adquirir sinos para que o templo, de forma a se tornar uma casa de Deus digna também *para fora*, isto é, exteriormente (Dohms, 1887, p. 62). De forma semelhante Ernst Schlieper afirma que se podia constatar interesse crescente para a obra do Reino de Deus em geral, para a missão entre pagãos. Lindos templos haviam sido construídos ou estavam em fase de construção, os quais, com suas esbeltas e altas torres querem ser marcas distintivas da vida de fé evangélica no Brasil (Schlieper, 1896, p. 78).

Ao mesmo tempo, os templos querem apontar para o *alto*, isto é, evocar a dimensão escatológica. No alto da torre do templo de Candelária/RS foi colocada uma cruz. Ambas, torre e cruz, foram interpretadas como símbolos que querem remeter a atenção das pessoas para o alto, isto é, voltar todo o sentido e agir na vida na direção do céu, de onde se espera pela vinda do Salvador Jesus Cristo (Turm- und Glockenweihe..., 1890, p. 3). Por ocasião da inauguração do novo templo de São Sebastião do Caí/RS, manifestou-se o desejo de que a torre do templo fosse considerada sempre como um dedo estendido para direção do céu, que é o caminho no *pos mortem* (Kirchweihe in S. Sebastião, 1899, p. 95). Semelhantemente, quando da consagração do templo de Picada Café/RS,

afirmou-se que a torre aponta o caminho das pessoas, a saber, o céu; na terra o ser humano é somente hóspede. Os sinos, por sua vez, reforçam a consciência deste caminho e o ressoar deles chamam para a vida eterna (Die Einweihung der neuerbauten Kirche..., 1897, p. 8). Por isso, ressalta Hoepffner, “assim como a torre aponta por sobre montes e vales, as pessoas deveriam permanecer vigilantes fiéis” (Hoepffner, 1938, p. 20).

O tinido de sinos é sempre bonito. Este som desperta o que adormeceu no coração. Toque de sinos é um hino de outro mundo, é uma saudação da eternidade. Os sinos soam por sobre os montes, pelos vales, onde os irmãos do povo e da fé estiverem sentados em seus quintais. (Heidenreich, 1938, p. 46)

Quando da consagração dos sinos da comunidade de Candelária/RS, referiu-se que os sinos querem remeter ao alto, quando soarem, cedo ou tarde, para anunciar a despedida das pessoas deste mundo. Ao soarem, não querem significar tristeza, mas vitória a partir da perspectiva da vinda do Salvador Jesus Cristo. Os sinos devem alegremente, através dos vales e por sobre os montes, remeter ao trono de Deus (Turm- und Glockenweihe..., 1890, p. 2-3). Johannes Rudolf Dietschi, após constatar que, na segunda metade da década de 1880, raramente eram construídos templos sem torre e sinos na Colônia de Taquara, menciona que “os sinos chamam os cristãos aos cultos e acompanham as pessoas do berço até à sepultura como fiéis companheiros em alegria e sofrimento” (Dietschi, 1886, p. 38). Semelhantemente sobre os sinos do templo de Pelotas/RS, menciona-se:

Nisso o soar dos sinos deve sempre nos advertir: na transitoriedade neste mundo, deve ser uma voz do além, assim nos ensine que nada subsiste, tudo que é terreno é passageiro; deve nos conduzir ao alto, para aquele do qual vem e através do qual existem todas coisas; deve nos tornar comunidade num só espírito, numa fé e num amor (Deutsche Evangelische Gemeinde Pelotas, 1938, p. 22).

Meslin, valendo-se de Friedrich Schleiermacher, afirma que “o *Gefühl* [sentimento] é a consciência de si e de sua dependência absoluta para com uma unidade infinita.” (Meslin, 1992, p. 94). O templo, a partir da perspectiva do sentimento de dependência, pode, portanto, ser percebido enquanto experiência religiosa e sua representação:

[...] o cerne da experiência religiosa é a intuição do universo, isto é, do Uno e do Todo. Pois o universo é uma totalidade absoluta

que sua origem absoluta que sua origem transcendente situa para além de toda existência particular; mas ao mesmo tempo ele é origem de re-conhecimento no finito criado do Infinito, na representação finita do infinito. A experiência religiosa é pois uma captação do Infinito divino, do eterno no mortal. (Meslin, 1992, p. 94)

## Conclusão

Os imigrantes protestantes e seus descendentes reproduziram o imaginário do sagrado na nova pátria, o Brasil, em particular, na construção de templos e sua arquitetura sacra. Como espaço sagrado, a consagração, ou dedicação, é iniciada desde a colocação da pedra fundamental. Concluído o templo, ele é consagrado ou dedicado. Como tal, precisa ser lugar digno e dignificado. Isso inclui o *sancire* contra as ameaças do *pro-fanus*. Desta forma, templo e cotidiano não podem ser dissociados, ainda que a porta represente um *cercamento* entre o *sanctus* e o *pro-fanus*. A porta, contudo, é o lugar de saída do *sanctus* para santificação da vida. O movimento inverso, isto é, da entrada pela porta do templo do *pro-fanus* para o *sanctus* precisa ser combatida. Neste sentido, o templo envolve a santidade de vida humana, alertando-o e conduzindo-o do berço à eternidade.

## Referências

- AUS DEM BÜCHLEIN VON DER KIRCHE, DIE KIRCHE. In: Mitteilungen für die Frauenhilfe der Riograndenser Synode. *Folha Dominical*. São Leopoldo, 4 nov. 1956.
- BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- DEUTSCHE EVANGELISCHE GEMEINDE PELOTAS. DEUTSCHE EVANGELISCHE GEMEINDE PELOTAS. *Zum 50-jährigen Jubiläum*. São Leopoldo: Rotermund, 1938.
- DER DEUTSCHE ANSIEDLER, Organ der evangelischen Gesellschaft für die protestantischen Deutschen in Amerika (zu Barmen) und der Berliner Gesellschaft für die deutsche evangelische Mission in Amerika. Barmen: D. B. [u. T. G.] Wiemann, [Vaterland e Westdeusche] 1882-1940.
- Die Einweihung der neuerbauten Kirche in der evangelischen Gemeinde Kaffeschneiz. *Der Deutsche Ansiedler*. jan. 1897.
- Die 14. Synodalversammlung in Lomba Grande. *Der Deutsche Ansiedler*; Organ der Evangelischen Gesellschaft für die protestantischen Deutschen in Amerika. 38. Jahrgang. Barmen: D. B. Wiemann. Dezember 1900.
- DIE KIRCHE. In: Mitteilungen für die Frauenhilfe der Riograndenser Synode. *Folha Dominical*. São Leopoldo, 7 out. 1956, nº 41.

DIETSCHI, J. R. Gedanken bei einem Kirchweihfest im brasilianischen Urwald. *Der Deutsche Ansiedler*. Barmen, maio 1886.

DOHMS, [Paul]. Die Kirchweihe in Leonerhof. *Der Deutsche Ansiedler*. ago. 1887.

DOHMS, [Paul]. Reisen durch evangelische Gemeinden in Rio Grande do Sul. *Der Deutsche Ansiedler*. mar. 1887.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FLOS, Max-Heinrich. Como foi realmente o caso da torre e dos sinos? In: FLOSS, Max-Heinrich. *Nossos Pais: Um livrinho que conta da nossa história centenária*. São Leopoldo: Rotermund, 1961.

HEIDENREICH, G. In Espírito Santo. In: *25 Jahre Mittelbrasilianische Synode; Bericht von der neunten ordentlichen Synode der Deutschen Evangelischen Gemeinden in Mittelbrasilien in Rio de Janeiro am 20.-22. Novbr. 1937*. Rio de Janeiro: Tip. Franz Timon, 1938.

HILDEBRAND, [Friedrich]. Grundsteinlegung der evangelischen Kirche in Mont Alverne (Brasilien). *Der Deutsche Ansiedler; Organ der Evangelischen Gesellschaft für die protestantischen Deutschen in Amerika*. 34. Jahrgang. Monatliche Mitteilungen über die Lage des evangelischen Deutschtums im Auslande. Barmen: D. B. Wiemann, März 1896.

HOEPFFNER, [Fr. L.] Gesamtbericht über die Gemeinden der Mittelbrasilianischen Synode. In: *25 Jahre Mittelbrasilianische Synode; Bericht von der neunten ordentlichen Synode der Deutschen Evangelischen Gemeinden in Mittelbrasilien in Rio de Janeiro am 20.-22. Novbr. 1937*. Rio de Janeiro: Tip. Franz Timon, 1938.

[HUNSCHE, Theodor.]. Rede des Herrn P. Th. Hunsche bei der Kirchweihe seiner Gemeinde Nova Petropolis. *Sonntagsblatt*. 2 jul. 1905.

Kirchweihe in Conventos. *Der Deutsche Ansiedler; Organ der Evangelischen Gesellschaft für die protestantischen Deutschen in Amerika*. 36. Jahrgang. Barmen: D. B. Wiemann, fev. 1898.

Kirchweihfest. *Sonntagsblatt für die evangelischen Gemeinden in Brasilien*. Nummer 28, 18. Jahrgang. 1. nach Epiphantias, den 8. Januar 1899.

Kirchweihe in S. Sebastião. *Sonntagsblatt*. 10 dez. 1899.

MESLIN, Michel. *A Experiência Humana do Divino; fundamentos de uma antropologia religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1992.

SCHLIEPER, Bericht über die 10. Ordentliche Synodalversammlung in Bom Jardim am 24. und 25. Juni 1896. *Der Deutsche Ansiedler*. out. 1896.

SCHWARZ, Fernand; DURAND, Gilbert; MORIN, Edgar. *Mircea Eliade: o reencontro com o sagrado*. Porto: Nova Acrópole, 1993.

SONNTAGSBLATT FÜR DIE EVANGELISCHEN GEMEINDEN IN BRASILIEN. São Leopoldo: Evangelische Buchhandlung, 1888-1905.

Turm- und Glockenweihe der deutsch evangelischen Gemeinde der Kolonie Germania. *Sonntagsblatt*. 23 nov. 1890.

Von kirchlichen Farben. *Sonntagsblatt für die evangelischen Gemeinden in Brasilien*. Nummer 48, 1. Jahrg., 2. n. Ostern, 5. Mai 1889.



WIEMER, [Hans]. Esboço histórico da comunidade evangélica de Petrópolis. In: COMUNIDADE EVANGÉLICA DE PETRÓPOLIS. *Fragmentos Históricos*; compilados por ocasião dos congressos em Petrópolis A. D. 1954. Rio de Janeiro: Canton & Reile, [s.n.], 1954. p. 22-109.

---

<sup>1</sup> Arquétipo deve ser entendido, em Eliade, como fonte da criação. O mito é a forma de organização e estruturação do cosmos de maneira inteligível, que é articulado pelos símbolos, o que pode incluir hierofanias, isto é, o emergir na imanência do virtual, do arquétipo, do sagrado. Assim, sagrado e símbolo constituem o “[...] intermundo entre o mundo observável e os princípios abstratos”, que é alimentado pelo ser humano pelos ritos, os quais, por sua vez, colocam em marcha o sagrado. Schwarz; Durand; Morin, 1993, p. 20-21.

<sup>2</sup> “Ich will mich euer und eurer Kinder von der Wiege bis zum Grabe, nein, in alle Ewigkeit annehmen, euch durchs Leben tragen, vor ewiger Qual erretren und heilig, heilig und herrlich machen. – Von vielen heißt es auch heute sie kennen ihn nicht, und fragen sie uns, gewiß mit Recht: ‘Wozu denn Kirchweih feiern?’” Kirchweihfest, 1899, p. 110. (tradução do autor)

<sup>3</sup> “Glória a Deus nas alturas” (tradução do autor)

<sup>4</sup> “Die deutschen Dome hat einmal einer ‘versteinerte Psalmen’ genannt. Nun, dieses ärmliche, jeden Schmuckes bare Kirchlein möchte ich nennen eine machtvolle, stumme und doch so beredte Predigt. Eine Predigt vom Heimweh des Menschen nach Gott. Eine Predigt von schönen Glaubenskampf in Notzeit. Dies Kirchlein ist sichtbar gewordenes Bekenntnis zu Jesus Christus. Es ist schaubarer, leidenschaftlicher Wille zur Ewigkeit, ein Protest gegen das Versinken in Sorge, in Genuss, ein Sieg über den Alltag. Der Schwung der Seele, den ersten Kolonisten eignen, blieb durch Jahrzehnte erhalten; möge er den Kindern und Kindeskindern nie verloren gehen!” Apud Heidenreich, 1938, p. 48. (Tradução do autor)

<sup>5</sup> Sobre hierofania, veja Eliade, 1992, p. 15; Schwarz; Durand; Morin, 1993, p. 35.

Recebido em 21/10/2016, revisado em 25/11/2016, aceito para publicação em 08/12/2016.